

O Islamismo Moderno e o Movimento da Nova Era

Nancy Pearcey

Os cristãos por vezes acham fácil pôr de lado o movimento da Nova Era, tachando-o de ornamento fútil que sobrou da contracultura dos anos sessenta. Mas semelhante atitude seria subavaliação perigosa. O âmago do movimento é uma religião panteísta (ver Capítulo 4), derivada de uma tendência religiosa extraordinariamente ampla que surge em quase toda época e cultura — no Ocidente, no Oriente e no Oriente Médio (islamismo). Em consequência do 11 de setembro, quando o mundo concentrou a atenção nas culturas islâmicas, os cristãos precisam estar preparados para identificar esta tendência religiosa mais ampla a fim de entender os atuais acontecimentos culturais e políticos.

Começando com o Ocidente, as idéias quase-panteístas de que estamos falando criaram raízes no século III com os gregos antigos. Este era um período em que as religiões asiáticas eram a moda na antiga cultura grega, muito semelhante ao que ocorreu nos Estados Unidos nos anos sessenta. O resultado foi uma escola de pensamento conhecida por neoplatonismo, que fundiu a filosofia de Platão com o panteísmo indiano. *Neo* quer dizer “novo”, é claro, pelo que devemos reputá-lo como a forma do mundo antigo do movimento da Nova Era.

O principal porta-voz desta fusão do Oriente e do Ocidente foi Plotino.¹ Ele ensinou que o mundo era uma “emanação” ou radiação do ser, proveniente de um Espírito ou Absoluto não-pessoal — algo como a luz é radiação do sol. O nível mais baixo desta radiação era a matéria; e por estar no ponto mais distante da Bondade Infinita, isso a tornou má. Em outras palavras, ter um corpo físico e material era considerado um tipo de pecado, algo negativo do qual devemos ser salvos. Como? Por práticas ascéticas que suprimem os desejos físicos. A meta era libertar o espírito da “casa-prisão” do corpo para ser reabsorvido pelo Infinito do qual veio.

Estas idéias têm paralelos óbvios com o panteísmo oriental. Alguns hindus de nossos dias reconhecem Plotino como um espírito congênere. Swami Krishnananda escreve: “Plotino, o místico célebre, no que tange aos seus pontos de vista, aproxima-se muito da filosofia Vedanta, e está praticamente em total acordo com os sábios orientais”.² Outros estudiosos concordam: um livro de ensaios intitulado *Neo-Platonism and Indian Philosophy* (Neoplatonismo e a Filosofia Indiana) observa a “extraordinária semelhança entre o sistema filosófico de Plotino (205-270 d.C.) e dos vários filósofos hindus em vários séculos”.³ Para ambos, Deus não é um ser pessoal, mas uma essência não-pessoal.

¹ O neoplatonismo foi fundado por Amônio Sacas, que reconhecia explicitamente sua dívida com a religião da Índia. Plotino foi seu aluno, cuja fascinação pelas idéias do mestre foi tamanha, que determinou viajar para a Pérsia e Índia a fim de estudar as filosofias orientais *in loco*, embora os historiadores não estejam certos de até onde ele realmente foi em suas viagens.

² Swami Krishnananda, “Plotinus”, em: *Studies in Comparative Philosophy, the Divine Life Society*, em http://www.swami-krishnananda.org/com/com_plot.html.

³ Paulos Gregorios, editor, *Neo-Platonism and Indian Philosophy* (Nova York: SUNY Press, 2001). A citação foi retirada da contracapa. A fé Bahá’i, que se tornou moda nos anos setenta, também se desenvolveu do neoplatonismo. Juan R. Cole ressalta que “a teologia mística de Plotino (203-269/270

Desde o princípio, o neoplatonismo não só era uma filosofia, mas também uma religião mística. Na realidade, foi feito em parte em oposição ao cristianismo — como arma a ser brandida pelo paganismo antigo em sua batalha polêmica contra o cristianismo. No século IV, o imperador Juliano, o Apóstata, tentou desalojar o cristianismo como a religião oficial do Império Romano substituindo-o pelo neoplatonismo.

É surpreendente que muitos dos cristãos primitivos fossem simpatizantes do neoplatonismo e muito influenciados por ele — notavelmente Clemente de Alexandria, Orígenes e Agostinho. Ao término do século V, esta filosofia semi-oriental foi sintetizada com o cristianismo por um escritor desconhecido chamado Dionísio, o Areopagita, que se fez passar por convertido do século I de Paulo. Depois conhecido por pseudo-Dionísio, ele apresentou uma forma cristianizada de neoplatonismo que ficou bastante influente na Idade Média. Seus escritos foram traduzidos para o latim por João Escoto Erigena em meados do século IX, e desde então o neoplatonismo se tornou o principal canal do pensamento grego para as eras posteriores. Influenciou grandemente muitos movimentos místicos no Ocidente, incluindo os de Meister Eckhart e Jacob Boehme. Era popular entre os humanistas do Renascimento, como Ficino e Pico della Mirândola. Até muitos dos primeiros cientistas modernos postularam uma filosofia neoplatônica da natureza, que inspirou grande parte do seu trabalho científico.⁴

Mais tarde, o neoplatonismo se tornou influência importante no movimento romântico do século XIX com seu idealismo filosófico, em que se dizia que a realidade suprema era o Espírito, a Mente ou o Absoluto. No historicismo alemão, o Absoluto recebeu uma flexão evolutiva; dizia-se que evolui por uma série de estágios dos níveis mais baixos do ser a níveis cada vez mais altos. Em princípios do século XX, esta noção foi modernizada no processo do pensamento, no qual o próprio Deus se encaixou no processo evolutivo — uma deidade imanente e quase-panteísta que evolui com o mundo (ver Capítulo 8). Em torno da mesma época, foi lançada uma nova mistura de religião oriental e ocultismo ocidental sob o nome *filosofia perene* — as mesmas idéias que encontrei em minha adolescência quando li o livro *A Filosofia Perene*, de Aldous Huxley (ver Capítulo 4).

O que quero dizer com esta pequena pesquisa histórica é que muito antes de os Beatles se tornarem discípulos de Maharishi, várias formas de pensamento quase-panteísta já eram vertentes proeminentes na tradição cultural ocidental. O movimento da Nova Era se tratava meramente de uma expressão mais recente de uma tendência há muito existente de importar o panteísmo oriental para a cultura ocidental, que começou com Plotino e o neoplatonismo.

E quanto ao Oriente Médio? Muitos de nós não percebemos que, historicamente, os pensadores islâmicos se serviram de fontes gregas antigas de forma tão intensa quanto os pensadores ocidentais, de maneira que o neoplatonismo também se espalhou nas culturas árabes.⁵ Durante a Era Dourada do Islamismo nos séculos VII e VIII, os exércitos

d.C.), fundador do neoplatonismo, influenciou particularmente o contexto cultural das escrituras bahaístas. (*The Concept of Manifestation in the Bahá'í Writings*, publicado originalmente como monografia *Bahá'í Studies* 9 [1982]: pp. 1-38, pela Association for Bahá'í Studies, Ottawa, Ontário; também está disponível on-line em <http://www.personal.umich.edu/~jrcole/bhmanif.htm>).

⁴ Em *A Alma da Ciência* [Ed. Cultura Cristã, 2005], analisei extensamente a influência que o neoplatonismo exerceu nos primeiros cientistas modernos. Um tema importante no livro é que, desde a revolução científica, as teorias científicas foram moldadas por estas três cosmovisões básicas: a aristotélica, a neoplatônica e a mecanicista. Embora a cosmovisão mecanicista se tornasse dominante, até hoje as outras duas permanecem como posições minoritárias na ciência.

⁵ Para inteirar-se de análises recentes, ver Parviz Morewedge, editor, *Neoplatonism and Islamic Thought*, *Studies in Neoplatonism: Ancient and Modern*, vol.5 (Nova York: SUNY Press, 1992); AI-Farabi,

de Maomé devastaram tudo desde a Península Árabe, anexando territórios da Espanha à Pérsia. Com esta ação, poderíamos dizer, eles também anexaram as obras de Platão, Aristóteles, Plotino e outros pensadores gregos. Por conseguinte, o mundo árabe tinha uma rica tradição de comentários sobre os filósofos gregos muito antes que a Europa. Nos cursos universitários de história, aprendemos que o Renascimento foi despertado pela recuperação dos antigos escritos clássicos. Mas raramente aprendemos que foram os filósofos *muçulmanos* que tinham preservado esses documentos e que os reintroduziram no ocidente.

Em conseqüência disso, o neoplatonismo se tornou forte influência no pensamento islâmico. Hoje, os principais filósofos muçulmanos adotam a filosofia perene, com sua fusão do panteísmo ocidental e oriental. Na realidade, os primeiros proponentes desta filosofia, que eram europeus, acabaram se convertendo ao islamismo!⁶ Para completar o círculo, a pessoa que lançou a filosofia perene (um francês chamado René Guenon) acreditava que havia um âmago comum que unia todos os três: o neoplatonismo, no Ocidente, o hinduísmo, no Oriente, e o islamismo, no Oriente Médio.

Desde o 11 de setembro, ouvimos repetidas vezes que o islamismo é apenas outra fé abraâmica, algo não muito diferente do cristianismo. Assim, pode ser surpreendente saber que o Deus do islamismo é mais parecido com o Absoluto não-pessoal do neoplatonismo e hinduísmo do que com o Deus da Bíblia.

Porém é verdade. E a razão central é que o islamismo rejeita a Trindade. Sem este conceito, não há como advogar a concepção de um Deus inteiramente pessoal. Por que não? Porque muitos atributos da personalidade só podem ser expressos numa relação — coisas como amor, comunicação, empatia e abnegação.

A doutrina cristã tradicional sustenta a concepção de um Deus pessoal, porque ensina que desde a eternidade estes atributos interpessoais foram expressos entre as três Pessoas da Trindade. Um Deus genuinamente pessoal requer "Pessoas" distintas, porque só isso torna possível a existência de amor e comunicação dentro da deidade em si.

O islamismo nega a Trindade, fato que significa que não há meio de incluir estes atributos relacionais na concepção que fazem de Deus. (Pelo menos, não até que Ele criasse o mundo, mas neste caso Ele seria dependente da criação.) É por isso que é correto dizer, como afirmam certos filósofos islâmicos, que o islamismo é parecido com o neoplatonismo e o hinduísmo.

Esta concepção não-pessoal de Deus também explica por que os muçulmanos expressam sua fé em rituais quase mecânicos: os fiéis muçulmanos recitam o Alcorão repetidamente, em uníssono, palavra por palavra, no original árabe. Eles não oram a Deus como um ser pessoal, derramando-lhe o coração como fez Davi, ou debatendo com Ele como fez Jó. Como consta num site muçulmano, “entender [o Alcorão] é inferior” à recitação e ao ritual.⁷ Isso só faz sentido se Deus não for um ser pessoal. Como explica o sociólogo Rodney Stark, as religiões com deuses não-pessoais tendem a realçar a precisão

Founder of Islamic Neoplatonism: His Life, Works and Influence (Rockport, Massachusetts: Oneworld, 2002); Ian Richard Netton, *Muslim Neoplatonists: An Introduction to the Thought of the Brethren of Purity (Ikhwan Al-Safa')* (Nova York: Routledge/Curzon, 2003). Há um resumo excelente feito por Ian Richard Netton sob o título “Neoplatonism in Islamic Philosophy”, disponível on-line em <http://www.muslimphilosophy.com/ip/rep/H003.htm>.

⁶ Entre os grandes proponentes europeus da filosofia perene que se converteram ao islamismo estão René Guenon, Fritjof Schuon e Martin Lings. Hoje, o proponente muçulmano mais bem conhecido da filosofia perene é Sayyed Hossien Nasr.

⁷ Sachiko Murata e William C. Chittik, “The Koran”, disponível on-line em http://www.quran.org.uk/ieb_quran_chittik.htm.

no desempenho de rituais e fórmulas sagradas; em contrapartida, as religiões com um Deus altamente pessoal se preocupam menos com tais coisas, pois um Ser pessoal responderá a uma abordagem pessoal feita por súplica improvisada e oração espontânea.⁸

Em nossos esforços em defender o cristianismo, é possível sermos vencidos pelo enorme número de religiões e filosofias apregoadas no cenário público das idéias atualmente. A tarefa fica mais fácil quando percebemos que todas podem ser agrupadas em duas categorias fundamentais: a característica mais crucial se dá entre sistemas que começam com um Deus pessoal e sistemas que começam com uma força ou essência não-pessoal. Tipicamente, usamos o termo não-pessoal para nos referir aos "ismos" seculares, como o naturalismo e o materialismo. Mas devemos ter em mente que a mesma categoria também abrange as crenças religiosas — aquelas que começam com uma essência espiritual não-pessoal. E embora o naturalismo seja a moda entre as pessoas bem instruídas, entre as pessoas comuns talvez haja um espiritualismo genérico e vago muito mais difundido.

Todavia, já estava tão difundido há meio século, que C. S. Lewis disse que é freqüente sermos confrontados “não pela *falta* de religião de nossos interlocutores, mas por sua *verdadeira* religião”. Com estas palavras, ele se referia às formas diluídas de panteísmo. As pessoas tendem a gostar da idéia de que Deus não é um ser pessoal, mas “uma grande força espiritual que permeia todas as coisas, uma mente comum da qual todos fazemos parte, um concentrado de espiritualidade generalizada para o qual todos podemos afluir”. Este conceito é tão universal que Lewis o considerou “a propensão natural da mente humana”, “a atitude a que a mente humana passa automaticamente quando fica por conta própria”, sem a revelação divina.⁹ Se Lewis tiver razão, então o panteísmo sempre vai ressurgir como oponente natural do cristianismo.

Com o decorrer do tempo, é improvável que a secularidade dure. Considerando que a humanidade é naturalmente religiosa, no fim a cultura ocidental se espiritualizará de novo. Tendo cumprido o propósito de minar o cristianismo, a secularidade se extinguirá, dando vez a uma espiritualidade panteísta que já está no cerne do pensamento coletivo no Ocidente, no Oriente e no Oriente Médio. É crucial os cristãos aprenderem a analisar estas cosmovisões não-pessoais e panteístas para se proteger e alcançar, pelo evangelismo, os espiritualmente perdidos.

Fonte:

Verdade Absoluta – Libertando o Cristianismo de seu Cativo Cultural

Apêndice 2

Nancy Pearcey

Ed. CPAD, 2006.

⁸ Rodney Stark, “Why Gods Should Matter in Social Science”, *Chronicle of Higher Education* 49, nº 39 (6 de junho de 2003): p. B7; também disponível on-line em <http://chronicle.com/free/v49/i39/39b00701.htm>. O artigo foi adaptado do livro de Rodney Stark, *For the Glory of God: How Monotheism Led to Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* (Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 2003).

⁹ C. S. Lewis, *Miracles: A Preliminary Study* (1947; nova tiragem, Nova York: Macmillan, 1960), pp. 81, 82, 83, grifos meus.